

EUA exigem que Argentina faça acordo com FMI

Londres — O secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, criticou ontem a Argentina pela atitude em relação ao pagamento da dívida externa do país, afirmando que "até agora nem sequer lançou um programa" econômico neste sentido e deu um ultimato ao governo de Raúl Alfonsín, fixando o dia 15 de junho como limite para a Argentina assinar um acordo com o Fundo Monetário Internacional sobre um programa econômico. "É o último prazo. Depois veremos o que será feito", afirmou Regan em entrevista publicada pelo jornal **Financial Times**.

Depois de destacar o contraste entre a posição argentina e os "bons resultados" conseguidos pelo México, o secretário norte-americano acrescentou que este programa econômico — que deve ser negociado entre Buenos Aires e o FMI — é a condição para aplicar o acordo internacional assinado em março passado para escalonar o pagamento da dívida externa do país e lamentou que sua assinatura tenha sido adiada duas vezes desde então.

"Os mexicanos actuaram muito bem em 1983 e 1984 para pôr seus negócios em ordem e parece que conseguirão. Portanto, o problema a curto prazo com o México dá perspectivas de uma solução a longo prazo", disse Regan. No entanto, segundo ele, com "um país como a Argentina, que até agora nem sequer iniciou um programa, atualmente teria pouco sentido discutir soluções a longo prazo, quando antes é preciso encontrar uma solução a curto prazo".

Ultimato serve de aviso a devedores

Londres — Ao dar um ultimato à Argentina a assinar antes do dia 15 de junho próximo um acordo com o Fundo Monetário Internacional, o secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, pretendeu evidentemente, alertar todos os países endividados do Terceiro Mundo a aceitarem fórmulas de austeridade, principalmente quando elogiou o México que "atuou muito bem em 1983 e 1984 para pôr ordem em seus negócios".

Como preâmbulo da conferência anual dos países industrializados, que terá como tela de fundo os combates e bombardeios da guerra Irã-Iraque, os chefes de Estado e de governo mantiveram várias reuniões pessoais discutindo sobre as consequências políticas e no setor do petróleo da crise do Golfo Pérsico.

Entretanto, se a solidariedade do Ocidente foi demonstrada claramente neste plano, surgiram sensíveis diferenças de apreciação em torno do problema da dívida do Terceiro Mundo. Sem questionar a necessidade de um tratamento individual das dificuldades financeiras de cada país devedor, a França considera que elas têm "causas globais", em particular a alta das taxas de juros norte-americanas, e que portanto é preciso ter em vista "soluções globais".

O diálogo Norte-Sul, aparentemente, não será abordado na conferência de cúpula de Londres, apesar da exortação feita quarta-feira em Nova Iorque pelo secretário-geral das Nações Unidas (ONU), Javier Perez de Cuellar, que pediu aos sete "grandes" que superem os obstáculos existentes para o seu reinício.

Perez de Cuellar disse também que havia comprovado que "a reativação dos países industrializados tem, por enquanto, apenas uma incidência bastante fraca na economia da maioria dos países em desenvolvimento e, provavelmente, ocorrerá o mesmo no próximo ano".